

ANEXOS

Poema 1

UM RETRATO*Á MINHA TIA, HERMINA GUEDES ALCOFORADO**I*

*Eu era bem pequena à vez primeira
Em que a vi cantando brandamente;
Sua casa ficava ao pé da nossa,
Olhando para o lado do poente;*

*Ella tinha um terraço onde crescia,
P'ra o lado do quintal em um canteiro
Ou quadro de tijolo muito alto,
Um immenso e florido jasmineiro;*

*Os pilares em roda sustentavam
Alguns vasos com flores bem cuidadas;
Na sala de jantar pelas paredes
Eram muitas gaiolas penduradas*

*E o doce perfume de jasmim,
Com a brisa da tarde ou da manhã,
Entrava a percorrer sua morada,
Do osseio e da paz unida irmã.*

*Só quebrava o silencio a voz dos pássaros,
Que alegres saltando encarcerados,
Lhe deixavam ouvir a cada instante
A longa carretilha de trinados.*

*E ella n'almofada da costura
Ou lendo algum livro s'entretinha;
Gostava de viver como vivia,
Desde muito tempo assim sosinha.*

*E a preta Luiza já sabia
O regime da casa decorado,
Conhecia seus gostos um por um,
E cumpria restrita o seu mandado.*

*Na villa tinha o foro do saber,
Dava a muita gente homeopathia;
O povo respeitava o seu carácter...
Lhe dava as atenções que lhe devia.*

II

*Passaram esses annos de socega,
Deixamos o logar. Ella ficou...
Te que um dia deixou a habitação,
Onde os dias mais calmos desfructou.*

*Mas que dor! que saudade ao separar-se
De seus quartos, das salas e janellas
Onde o fresco buscava no verão,
No inverno paisagens muito bellas!*

*Agora, meu Deus que differença!
Os hábitos de outr'ora não modaram;
Se vê o mesmo asseio, a mesma ordem:
Mas os dias melhores já passaram.*

III

*Perto do Bemfica em uma estrada
Que chamam em geral de Calçamento
Ella vive em poetica morada
De tudo em completo esquecimento.*

*Mas, sae aos domingos, vai a missa,
Faz a as novena a S. José;
Vive sempre estudando os livros sacros
E as vezes propõe questões de fé.*

(FREITAS, 1891: 91).

Poema 2

IX QUADRO

BABACA (BÁRBARA)

*Era uma velhinha muito corcunda,
Amiga do asseio e cavaquenta...
A muitos parecia ter cem annos,
Comtudo pouco ia dos setenta.*

*Tinha a côr bronzçada d'esses índios
Que outr'ora nosso solo povoaram:
Fallava dos costumes dos antigos,
Contava as lembranças que deixaram.*

*Havia no seu todo alguma cousa
Que sempre me fava do passado:
Pois, de nossa progenie, o feliz tempo,
N'ella via, talvez, representado.*

*Narrava também que n'uma tarde
Depois de se ouvir estrondo horrível!
A terra tremeu, fazendo a todos
Julgarem que a morte era infallível!*

*Oh! Tinha tanto medo! E meus irmãos
Crianças como eu também tremiam...
Pensando que o horror de tal phenomeno
Os annos fielmente repetiam!*

*De minha bisavó, a triste escrava!
Seguindo a descendência nos foi dada:
Com respeito às memórias da família
Foi sempre a velinha conservada.*

*Varria o quintal, lavava a louça,
Levava algum recado ás visinhanças,
Depois ia sentar-se entre brinquedos,
Entre risos e gritos de crianças.*

*E emquanto teve forças carregava
Os filhos pequeninos do senhor
Que em paga aos cuidados só lhe davam
Trabalho, mais trabalho e pouco amor.*

*Oh! Me lembro saudosa da candeia
Que a noute ella accendia junto ao leito;
Sim, um pouco de azeite era seu sonho...
Era toda a ambição d'aquelle peito!*

*Dormia n'uma cama de madeira
Tão dura que fazia grande dó!
Mas nunca minha Mãe poudo alcançar
Tirar-lhe, das manias, uma só!*

*E! ninguém se atrevia a desdize-la,
Ninguém lhe fazia opposição...
Se queriam lhe dar cousa melhor
Deixava de aceitar... tudo era em vão!//*

*Morreu de velhice, coitadinha:
(Pois assim se escreveu no obituário).
E Deus dê o céu a quem na vida
Já teve seu martyrio ou seu calvário.
(FREITAS, 1891: 75-77).*

Poema 3

II QUADRO
MEU PAI
 (ANTONIO JOSÉ DE FREITAS)

*Meus tempos de ventura lá se foram
 Como foge ligeiro um triste ai!
 Mas na mente revive o meu passado,
 E tenho bem presente inda meu pai:*

*Era ruivo, corado olhos azues,
 O nariz afilado; uma feição,
 Que a muitos enganava parecendo
 Em vez de brasileiro um allemão.*

*De altura mediana, o corpo recto,
 Delgado e d'um porte senhoril;
 Tinha um ar muito serio, quase grave,
 Com toques de tristeza mui subtil.*

*E a par d'um semblante tão severo
 Tinha um coraçã muito amoroso...
 Até com os criados repartia
 Um pouco d'esse affecto tão bondoso*

*Não sei porque mais qu'outro sabia
 Fazer-se respeitar por modo tal,
 Que todos esperavam suas ordens,
 Quer fosse inferior, quer fosse igual!*

*Os livros foram sempre o seu thesouro,
 O que mais n'este mundo apreciava,
 Estava sempre lendo e sua penna
 Até bem alta noite trabalhava.*

*No seu gabinete entre os retratos
 Dos grandes, ou dos sabios escriptores,
 Condemnava, abatia – a penna ultima,
 - A triste escravidão e seus negroses.*

*Amigos apparentes teve muitos
 Que a meza devoravam seus manjares,
 Faziam-lhe redondas cortezias
 E davam-lhe em segredos mil pezares.*

*Deixava da família os interesses
 Só para sustentar candidaturas!
 E por ellas soffria muitas vezes
 Immensas e terriveis amarguras.*

*Mas, não fez uma queixa a tal respeito
Conhecendo de mais quanto delicam
Aquelles, que da escada do poder,
Atiram muito pó nos que a fabricam.*

*Morreu!... A politica assassina
Cravou-lhe no peito aguda setta!
E sem mais dedicar-lhe uma lembrança
Segui da ingratidão em linha recta.*

*E seus filhos e viuva não tiveram
Uma porta sequer onde bater!
Tragaram em silencio a pão amargo
Que o triste proletário pode ter.*

*Ninguém os conhecia e muito menos
prestavam-se a menor das atenções
com vista muito baixa elles passavam
por entre essas brilhantes multidões.*

*Que dias e que noites tão amargas
Passadas na pobreza consciente!
Buscando no futuro uma esperança,
Meindo o seu passado co'o presente.*

*Ficaram bem gravadas na minh'alma
Tão feias e crueis ingratidões,
Que tudo quanto sei contar da vida
São estas deslizes e vis acções.*

(FREITAS, 1891: 57-59).

Poema 4

A VILLA UNIÃO

*A igreja primeiro de longe se avista,
A margem esquerda do rio ella fica;
Sem ser pitoresca tem muitos encantos;
Não é miseravel nem chama-se rica.*

*Mas vê-se, nas varzeas que as aguas alargam
Depois das inchentes, os grandes cercados,
Aonde s'encontram dispostos em filas
Os pés de algodão, bonitos florados!*

*Durante o inverno na verde campina
O gado... as ovelhas e cabras pastando
Reunem-se as vezes ao pé da lagoa
E a sede que trazem vão n'ella apagando.*

*No Páo da porteira ou trepado ao mourão.
A tarde o pastor costuma a aboiar*
E as vacas correndo, buscando o curral
Começam saudosas de longe a urrar.*

*Ai! Vejo tal como nos tempos passados
As casas que ausencia tão triste deixou:
Aquella onde os dias passei em brinquedos
A outra onde em breve morreu meu avô.*

*Alli ensaiei os meus sonhos poeticos;
Alli despontou esta amena alvorada;
Tiveram começo chiméras que aspira
Infancia risonha, feliz, amimada.*

*Mas, nunca uma vez passou-me por mente
Lembrança que um dia viria a chorar
Por todas as cousas, que outr'ora nem via,
Talvez esquecidas a um canto do lar!*

*Que as tristes imagens erguidas do pó,
Viriam falar-me dos anos felizes,
Que tinham a calma das águas da fonte,
Do prado florido os claros matizes.*

*O sol declinava, na tarde em que fomos
Dizer um adeus saudoso e sentido
Aos sanctos logares do triste jazigo
Onde as cinzas ficavam de Pae tão querido.*

*Entramos tremendo no largo portão...
Buscando seu nome na pedra singela;
Bem junto do muro, caiada de branco,
Eu vi sua campa confronte a capella.*

*Alli de joelhos orando em silencio
A Mãe, que era todo meu bem n'este mundo,
Esteve cercada dos tenros filhinhos
As vezes soltando suspiro profundo.*

*Voltamos cobertos de ludo e de dor!
A noute era escura qual meu coração!
O gallo cantou, fizemos viagem,
Deixamos os campos da bella – União.*

(FREITAS, 1891: 51/52)

* ABOIAR é prolongar um som ou canto com que os pastores chamam o gado. (N/a)

Poema 5

QUADRO I
MEU AVÔ
 (JACINTO JOSÉ DE FREITAS)

*Como filho meu Pai tinha-lhe amor,
 Minha Mãe em extremo o respeitava;
 Não era impertinente, e com os netos
 Sempre mui jocoso conversava.*

*Tinha o rosto comprido, alvo e corado,
 Nariz bem direito, os olhos vivos;
 Umas brancas suíças pouco espessas,
 Bons dentes davam graça aos seus sorrisos*

*Era calvo, bem calvo, o meu vovô,
 Alto, espigado e muito cortez!
 Falando, os camponezes estranhavam-lhe
 A voz com o accênto português.*

*Trajava de casaca em certos dias,
 Se saía na villa a visitar,
 (Cousa que notavam quase sempre
 Os simples habitantes do logar.)*

*Tenho tantas saudades d'esse velho
 Alegre, paciente e zombateiro
 Que as tardes e manhãs via na horta
 Vagando ou fazendo algum canteiro.*

*Eu me lembro de vê-lo à tardezinha
 D'enxada na mão cavando a terra,
 Cuidando das alfaces ou das favas
 Que os insectos faziam crua guerra*

*Já estava quase cego e sempre activo!
 Parecia soffrer só por deixar
 Suas plantas queridas, suas flores
 Que ia tactiando visitar!...*

*E um gato mourisco grande e gordo
 Vivia ao seu lado noute e dia,
 Dormia seus pés, e sempre à mesa
 O feliz animal o precedia:*

*Trepava na cadeira e pela manga
 Puxava-o com viva impertinencia!
 E elle repetia muito calmo:
 “Não me tentes, Matheus, tem paciencia.*

*Sentido que seu fim estava proximo,
Da vida, já em seu ultimo instante
Lamentou não deixar uma pensão
Aquelle gato, amigo tão constante.*

*N'uma bella manhã as onze horas
Minha Mãi em seu quarto tendo entrado
Achou-o muito triste... quase morto,
Mas junto da janella inda assentado.*

*Minutos depois deixou a vida
Sem ter inda gemido ou dado um ai!
E nunca vi um filho chorar tanto
Quanto vi chorar meu triste Pai!*

*E foi tão aggravada pelo dor
O mal do coração que elle soffreu
Que coberto de ludo e de pezares
Dois mezes depois tambem morreu.*

(FREITAS, 1891: 54-56)

Poema 6

IV QUADRO MEU IRMÃO

(JOÃO BAPTISTA DE FREITAS)

*Foi a estrella lethal, que sempre brilha
No alto do formoso firmamento,
D'onde o triste poeta se despenha
Nos abysmos fataes do pensamento,
Que guiou meu irmão por taes caminhos
Tão cheio de barrancos e d'espinhos.*

*Era bello, era moço, o que faltavam
Para dar-lhe mais graça e gentileza?
Sua alma era sensível, que a ninguem
Era dado medir sua grandeza;
A fronte tinha altiva e tão ardente,
Que podia deixar de ser prudente.*

*Ardia-lhe no craneo a chamma intensa
Do genio: esta dura clamidade!
Este louco absurdo! este tyranno,
Que consome o prazer na flor da idade,
E só dá um punhado de illusões,
Para rir e zombar dos corações!*

*Elle viu desabar, n'um só momento,
O castello ou o mundo de seus sonhos!
Olhando desvairado p'ra o porvir
Só pôde divisar fossos medonhos!
E sorriu para imagem d'agonia
Como outr'ora sorria a poesia.*

*Atirou-se, da guerra, nos horrores!
Sua lyra trocou pelo canhão;
Mas não tinha o instinto da panthera!
Não podia ser tigre o ser leão!
E um peito feroz... talvez insano
Cobarde o julgou, por ser humano!!!*

*E no cumulo da dor! no desespero!
Fazia como um cego... ou como um louco!
Ninguém acreditava em seus gemidos...
Diziam: "É fraqueza, valle pouco"
E mais do que as balas o feriu
O cheira da – carnagem! – succumbiu.*

(FREITAS, 1891: 63-64)

Poema 7

A GUERRA **OFERECIDO A MEU IRMÃO, O ALFERES** **JOAQUIM EUCLIDES DE FREITAS.**

*A guerra é prova da fraqueza humana
(Mostra o atrazo das nações modernas:
Qu' importa a forma sendo o fim o mesmo?
– Toda ella indica convulsões eternas!*

*A fome, a peste são irmãs mais novas
D'esta vil filha da real vaidade...
Marcham com ella, vão viver nas tendas,
Para ajudál-a na cruel maldade!*

*– Autorisada pelas leis dos codigos
Das mais lettradas das nações da terra!!!
– Estas que julgam reformar costumes
D'esse gentil que entre os brutos erra!*

*Gritos selvagens ou rufar de caixa,
Flechas ou balas vão servir à morte...
Golpe vibrado por um braço indigena
Não dá mais fino nem grosseiro cóрте!*

*Com tudo, é menos, por feroz instinto,
Ferir nas trevas da floresta virgem,
Que armar esquadras, sitiar cidades...
Cair do fumo na fatal vertigem!*

*Gosto de tudo que deslumbra a vista,
Mas Bonaparte não me toca o peito!
Que fosse grande... mas horror nos causam
Acções brilhantes de tão máo effeito!*

*Detesto os louros que custaram sangue!
Mais do que o brilho de sangrenta espada
Fere-me a vista ao raiar do sol
A rude face de grosseira enxada:*

*Mais heroismo, que escalar muralhas,
Travar no campo reprovada luta,
É refreiar suas paixões maleficas...
Fugir das vozes que a vaidade escuta.*

*- Maldito seja o inventor perverso
D'este instrumento que se diz – canhão!
Inda mais féro que a cruel panthera!
Mais deshumano que o feroz leão!*

*Este inda um dia respeitou o som
Da voz sublime d'uma mão afflicta...
Elle não cessa de atirar metralha,
Quando a mãe chora e a innocencia grita!*

*- Fulton aquelle que legou, aos mares,
Massa explosiva d'infernal torpêdo!
Talvez que um dia recebendo o osculo
Da filha amada a renegasse a mêdo.*

*Cegos governos, que atiraes à morte
Vidas no caso de melhor proveito,
Nunca vos disse a consciencia em brazas:
- Ha outro meio de vencer o pleito?*

*Porque esquecem tribunal supremo
P'ra onde a nação um delegado mande.
Para com outros de commum acôrdo
Julgar as causas sem roubar o sangue?*

*Nunca um momento vos perturba o somno
Esses gemidos que os feridos soltam,
Quando expirando, da batalha, em campo
Olhar final a sua patria voltam?*

*Quantas lembranças da bondosa esposa,
Dos tenros filhos, ou da mãe querida
Que lá ficára em oração fervente,
Pedindo a Deus que lhe prolongue a vida.*

*- Deixe de parte a barbaria antiga
Todo governo, que uma lei conduz,
Risque do código a palavra – guerra!!
- Accenda o facho da primeira luz.*

(FREITAS, 1891: 78-80.)

Poema 8

V QUADRO

(ANTONIO HENRIQUE DE FREITAS)

*Se valesse a voz do pobre
Diriam quanto era nobre
Seu humilde coração:
Tão brando e affectuoso
Se mostrando prestimoso
As classes sem distincção.*

*Co'o riso sempre nos labios,
Ignorantes e sabios,
A todos quis agradar;
Nunca faltou ao pedido
Do infeliz desvalido
Que o buscava encommendar.*

*Um filho tão desvelado,
Não se viu nem mais amado
Do que foi meu pobre irmão!
Quando entrava parecia,
Que era um raio d'alegria.
Que aclarava a habitação.*

*Depois de nossa orphandade
Sempre com nova bondade:
“Minhas filhas” nos chamava,
E queria soffrer... antes
De que saber que um instante
Qualquer cousa nos faltava.*

*Mas o seu rosto moreno
sempre calmo, tão sereno
como um lago em quietação,
para os seus não affligir,
nunca mostrava sentir
a mais pequena afflicção!*

*Sentindo chegar-lhe a morte,
A pensar na triste sorte
Dos irmãos que aqui ficavam
Sem poder s'erguer do leito,
Do mais intimo do peito
Os suspiros lh'escapavam.*

*Oh! que pezar tão profundo
Sentiu ao deixar o mundo
Quando queria viver,
Para cuidar das creanças
Que desde da mais tenra infancia
Elle ajudava a manter.*

*Morreu com tal soffrimento
Que nem se conta o tormento
D'aquelle ultimo instante!
Eram todos a clamar,
Como se vissem roubar
Da familia, o diamante.*

*Elle morreu na flor da mocidade
Ha dias em que tenho tal saudade
Que não posso occultar o desprazer
Que me causam as horas solitarias
Trazendo-me às idéas funerarias
Que me fazem de todo esmorecer.*

*Fortaleza, 1878.
(FREITAS, 1891: 65-67)*

Poema 09

OS LIVROS

A MEU IRMÃO AFFONSO AMERICO DE FREITAS.

*À tudo que a terra possue de valor
Os – Livros – excedem, são mais preciosos!
Deserto, não chamo, lugar onde os ha;
Pois fazem os dias do exílio ditosos.*

*Seus bellos discursos, nos dão por bem pouco,
São sabios amigos fieis na desdita;
Si o somno nos falta velando comnosco,
Nos falam de cousas que o vulgo não fita!*

*Si habitam palacios, tambem se acomodam
Na triste vivenda, na humilde morada
Do pobre que os ama, assim como amo,*

De seus attractivos, a luz encantada.

*Para as horas de tédio... ninguém como elles
Nos faz esquecer crueis dissabores;
Erguendo a cortina pesada dos seculos
Nos põem face a face com os nobres auctores:*

*Aqui vemos Tacito pintando Tiberio
Com alma bem negra e de mais refolhada!
– Narrando de Nero os atrozes delirios!...
Mostrando-nos Roma por elle queimada!*

*Alli Victor Hugo fallando da França,
Das scenas que outr’ora de luto e de dôr!
Vestiram seus filhos já fartos de sangue
– Em – 93 – oh! Deus quanto horror!*

*Depois Lamartine no trato das musas...
Que vozes tão ternas! Que doce harmonia!
Sua alma derrama em nossa alma encantada
De tanto lirismo de tanta poesia!*

*Quem lendo os “Lusiadas” não sente-se preso
À voz immortal do grande – Camões!
Mendigo sublime que ergueu-se mais alto
Que os reis... os monarchasdemuitasnações?!¹*

*Que fonte de gozos não é a leitura
Das obras perfectas de auctores diversos...
Dos Genios que deixam primores, que levam
A mente a sonhar os raros progressos!*

*Oh! Livros! Oh! Livros! Meus bons companheiros,
No ermo o consolo d’esta alma inditosa...
Ai! quando eu voar para os mundos ethereos
Por vós partirei bem triste e saudosa.*

(FREITAS, 1891: 81-82)

Poema 10

A MÃE ESCRAVA

*N’uma tarde em que o sol brilhava esplendido
No céu bello e azul do meu paiz,
Chegou pobre escrava onde eu me achava
E prostrada a meus pés, eis que me diz:*

¹ É interessante observar que Emília Freitas talvez tenha grafado propositalmente o verso, a fim de obter efeito de sonoridade e, assim, sugerir a indistinção entre os Monarcas, bem como para criticar àquele regime.

*“Sinhazinha, sou livre ... meu senhor
Me deu minha carta ... sim, agora...
– se assim é, perguntei, o que lhe aflige,
Porque treme a fallar, porque é que chora?!”*

*Humilde como era ergueu a vista;
Seu olhar era triste que doía!
Feria a consciencia de quem quer
Que podesse affrontar tanta agonia!*

*“Roubaram meus filhos... estão a bordo...
Hoje mesmo o vapor levanta o ferro
Levando o meu Vicente... a minha Lucia
Eis porque hoje aqui chorando erro.*

*“Sinhazinha por Deus antes queria
Como outr’ora cativa e maltratada
Têl os juntos de mim, pois ora sinto
Qu’era assim muito menos desgraçada.*

*“Estou velha e cançada, já não posso
Supportar d’esto golpe, a crueldade!
Vou morrer de pezar ... eu por tal preço
Não queria esta inutil liberdade...*

*E a triste chorando s’estorcia
Com a face no pó do pavimento!
Era a dôr d’uma mãe. Quem não respeita
Esta flor immortal do sentimento?!”*

*Mas d’aquella infeliz tantos soluços
Não tocou n’esto mundo a mais ninguém,
Ah! Só eu partilhei de sua dôr...
E por vêl-a chorar, chorei também.*

*Desde então quando via n’uma praça
Os escravos marchando p’ra o mercado,
Minh’alma sentia em desespero
E soltava de horror meu triste brado.*

Fortaleza, 1877)
(FREITAS, 1891: 17-18).

Poema 11

VII QUADRO

MEU IRMÃO

(CICERO CINCINATO DE FREITAS)

*Creança travessa, alegre e fôrte,
Nas maguas da vida não cuidava;
Na infancia feliz sempre um brinquedo
Elle a cado momento começava.*

*Mais tarde na propria juventude
O mesmo descuido, os mesmos risos...
Talvez que sua alma pressentisse,
Que seus dias, na terra, eram concisos.*

*Um dia partiu... longe dos seus
Julgou bem fadado o seu futuro;
Mas ah! tal aqui, lá encontrou
A mão deslial do fado escuro!*

*Depois de cruéis vicissitudes,
Que a face atirou-lhe a dura sorte,
Cahiu sobre o leito fulminado
Ao beijo efficaz da fria morte!*

*Nas horas d'agonia, um rosto amigo
De mãe ou de irmã não pôde ver,
Gemendo sozinho, em lar estranho
Devêra, meu Deus, muito soffrer!...*

*Chamava, da febre, do delírio...
Pelo nome sagrado e venturoso
Da Mãe, que distante não ouvia
O seu ultimo brado lacrimoso!*

*E ella nem pensou na despedida
Que mais nunca o veria n'este mundo:
Archanos de Deus, que a morte guarda,
Insondável mysterio alto e profundo!*

*Ai! com lettras que o tempo não consome,
Em meu triste e sensível coração
Um raio feliz de amor fraterno,
Teu nome, gravou, meu caro irmão.*

*Para que chegue a ti meus pobres versos
Repassados de dor e de saudade,
Aqui eu te deixo as flores d'alma*

Desfolhadas no chão da Eternidade.

Fortaleza, 1876.
(FREITA, 1891: 70-71)

Poema 12

Um Quadro

À memória de meus irmãos João Batista de Freitas, Cícero Cicinato de Freitas, Carlos Augusto de Freitas e Antônio de Freitas.

*Parca cruel quebras ferina
Já quarto fio do fraterno laço
E cada golpe não é um abutre
Que de meu coração leva um pedaço!*

I
*Nasci na opulência, um pai eterno
Que benigno o céu me concedeu,
Político voltou-se à causa pública,
Em martírio por ela, ele morreu
E somente nos legou pobreza e honra,
Pois nunca se manchou o nome seu;
Mas, de tantos amigos que tivera
Em prantos nem um nos conheceu!
Nem um lamentou triste viúva
Com doze filhos no hospício da orfandade,
Deixaram os míseros aos cuidados
Da benévola e santa caridade.
Mas, não, os heróis inda crianças
Venciam a cruel necessidade,
Quando Deus foi chamando um após outros
Pra os prêmios que guardou na eternidade.*

II
*Batista, tão moço e talentoso
Nos seus devaneios de poeta
Esquecendo da vida o curto espaço,
Chegou do desespero a fatal meta!
E quebrou-se da lira as cordas d'ouro,
Saudosa gemeu musa dileta
Porque a morte que há tanto era evocada
Cravou-lhe no peito a dura seta
Bem longe da pátria! Entre os estranhos
Desligando as idéias que ainda ligo
No delírio da febre ele expirou
E distante de nós teve um jazigo.*

III

*Cícero, depois, com a mesma idade,
Fora do lar, do teto amigo
De mãe e de irmãos sem os desvelos
Morreu a gemer a sós consigo!...*

IV

*Carlos viveu qual misantropo,
Bem longe da venal sociedade,
Mas, em seu limitado ceticismo
Cria ainda da família na amizade,
Era nela que o mundo se encerrava
Pra sua alma tão cheia de bondade...
Também foi chamado e nos deixou
No desterro em penosa soledade,
Mas, ficava entre nós um ser sublime!
Incansável lidador, filho exemplar
Que a vida consagrava ao bem possível
Que na terra podia praticar!
Pois se a todos que no erro se obstinam
Sabia mansamente aconselhar,
Não tinha um pensamento, um só desejo,
Que não fosse a Deus e os homens muito amar.*

V

*Quantas vezes o chamei anjo da paz
Quando triste e mergulhada na aflição
Ele vinha trazer-me entre sorrisos
Alguma divinal consolação,
Hoje que entre nós não vive mais
É que sinto todo horror da solidão!
É que prezo amizade inexaurível
Que achar só podia em meu irmão!
Quando ao céu estrelado elevo a vista
Meu olhar penetrante e dilatado
O seu semblante tão calmo e tão risonho
Busca ainda entre as nuvens ver traçado
Porque creio que Antônio foi na terra
Um eleito do Senhor, um enviado
Que à pátria celeste voltou como
O guerreiro triunfante e laureado.*

.....
*Agora o que fazer da pobre mãe
Com três filhas no vigor da mocidade?
Responda-me, por Deus, quem não foi fera,
Quem julgar pertencer a humanidade.
Porque temo em pensar que o infortúnio
É caminho que leva a impiedade!*

*Ai! Não deixem que venha um... suicídio!
Ofuscar da virtude a claridade.*

Emília Freitas – maio de 1878 (*Apud* Cunha, Maryse, 1986, pp.290-292)

Poema 13

BEM SEI

A MEU IRMÃO ALFREDO DE FREITAS

*Bem sei que as notas gemedoras, tristes
Da pobre lyra, que acompanha a dôr
D'alma, que soffre e não tem mais risos,
Inspira tédio e ninguém dá valor.*

*Mas o qu'importa, que o feliz desdem
Estas lembranças que dedico aos meus,
Si vivo ainda do calor das cinzas
D'esse passado, que já foi meus céos?*

*Nem só o rico ou ditoso nobre
Tem uma historia qu'interesse á alguém,
Da rude vida de obscuro pobre
Há muita cousa que contar tambem.*

*Porque não posso repetir os nomes
Desses amigos de meu caro lar?...
Não é possível supprimir as paginas
Que valem d'alma uma affeição sem par!*

*Oh! Qu' outro affecto me merece cantos?
Só, da família, eu conheci o amor,
Por isso a ella dediquei meus versos,
Meu riso e pranto, meu prazer e dor.*

*Oh! deixa, deixa consagrar meus sonhos,
Minha existencia, meus profundos ais!
A todos quanto a gratidão me prende,
Ai! A memoria de meus ternos paes.*

(FREITAS, 1891: 83-84)

Poema 14

VIVA O 15 BATALHÃO
*POESIA RECITADA NO EMBARQUE DO
15 BATALHÃO A 7 DE MARÇO DE 1883*

1

Salve briosos soldados!
 Sejam por todos louvados
 Cumpridores do dever,
 Salve! Quem hoje se eleva!
 Fique abysmado na treva
 Quem a luz não pode ver.

2

Fale bem alto a verdade!
 Diga até da humanidade
 O mais cruel inimigo,
 Se não foi por fazer bem
 Qu'esta cohorte ora tem
 Este tremendo castigo?

3

Debalde o ministro cança
 Em disfarçar a vingança
 Com uma fraca côr postiça!...
 Prevendo o mal d'esta acção
 Qu'indigna o coração,
 Geme e soluça a justiça!

4

Da cidade, em todo canto,
 Vê-se amargo acerbo pranto
 Muitas famílias verter;
 Pois a partida é bem lugubre
 Para os que num clima insalubre
 Irão forçados viver!...

5

E nenhuma lei militar
 Póde grave condemnar
 D'este corpo, o simples plano
 De ter na grandeza ingresso,
 Erguer-se a par do progresso,
 Ser honrado e ser humano!

6

Qualquer discipulo de Marte,
 D'aqui filho ou d'outra parte
 D'este império do Cruzeiro,
 Que amar ao justo ao direito
 E' o typo mais perfeito
 Do soldado brasileiro

7

Eil-os tristes a marchar...
 E lá distante do lar
 Saudosos de sua terra,
 Muitos terão o valor
 De mostrarem com ardor

O quanto o governo erra...

8

*Desprezando o desgraçado,
Na muda vã, o Estado
Desperdiça este dinheiro,
Que era mais bem empregado
Em rimir o malfadado,
Que geme no captiveiro*

9

*Cabisbaixa, envergonhada
As nações civilisadas,
A Patria curva a cerviz,
Porque tem representantes
Que são zelosos, amantes
Dessa infamia do paiz.*

10

*Vos mandam retrogradar
Somente p'ra conservar
O mais feroz despotismo!
D'esses validos sem par,
Que hoje obteem lançar
- Grilhões ao patriotismo!!*

11

*Ide sulcae este mar...
Embora rude pezar
Longe vos façam soffrer,
Sois servidores do Estado
Ao rigoroso mandato
E' forçoso obedecer.*

12

*Mas aqui entre esta gente
Que se julga independente
Nosso zelo augmentará;
Diremos inda uma vez:
A causa do Rei dos reis
Por certo triumphará!*

13

*Levai comnvosco a certeza,
Que brandamos com firmeza,
Por ordem da Divindade:
– O nosso eterno estribilho
E': O Ceará renega o filho
Que faz guerra á Liberdade!*

14

*Quem se opõe a tal empresa
Está fóra da natureza!
E' monstro! Causa irrisão!
E vós não trazeis a farda
Nem manejaes a espada
P'ra deshonna da nação.*

15

–Adeus heróes, oh! Senhores,
 Este povo lança flôres
 A vossa recordação,
 E porque sabeis merecer
 Eu vim com todos dizer:
 –viva O 15 batalhão!

(FREITAS,1891: 26-29)

Poema 15**SAUDAÇÃO**

AO PRESIDENTE DA CEARENSE LIBERTADORA,. NA OCASIÃO
 EM QUE O CLUB DOS LIBERTOS LHE OFFERECIA O SEU RETRATO

*Aquellas, que sem temor,
 A sancta causa, abraçaram,
 Tambem aqui me mandaram
 Reproduzir seus louvores;
 E, n'este acto solemne
 Em nome dos libertados
 Vim trazer alguns punhados
 Das minhas incultas flôres.*

*Estas não são como aquellas
 Bellas, mas tenras boninas,
 Que murcham pelas campinas,
 A tarde esfolham-se ao vento;
 Eil-as ao pé da pyramide,
 Alegres, firmes constantes,
 Mais rijas que os diamantes
 D'este immortal monumento!*

*Ir topetar com as nuvens,
 Oh! arte tu hoje o fazes
 Porque só teve por base
 Toda fé da redempção;*

*Foram honrados artistas
 Que assim o edificaram
 Co'as pedras, qu'encontraram
 Na mina da gratidão.*

*Nada melhor, que o penhor
 Que vem d'essas almas grandes,
 Que sempre fitam os Andes
 Sem olhar o pavimento,
 Que dizem de frente erguida
 «Para nós se existe lei,*

*Nosso mestre e nosso rei
É só o merecimento!*

*No poder dos Pharaões
Gemia a raça «maldita»
Mas qual povo Israelita
Esperava ser remida;
Ergueu-se o novo Moysés
Disse: - « embora encontre a morte,
Entrará nossa cohorte
Na Chanaan promettida.*

*As fileiras avançaram:
D'um chefe ao mandato? Não!
Mas, á terna voz do irmão
Que a seu lado combatia;
E sobre os craneos dos gigantes
Via-se uma Aguia voando,...
No espaço sustentando
A bandeira que vencia!*

*O ódio é vil, é indigno!
Nas lutas não houve sanha...
A mais famosa façanha
Já todos sabem de cór!
Combatendo o grande erro
Nem siquer elles se armaram
O que os herós derramaram
Não foi sangue, foi suor!*

*Como lampada suspensa
No templo da Liberdade,
Deus estranha claridade.
Fez as trevas succumbir.
Sim, senhores, esta idéa
É a mais sublime epopeia
Que se ha de ler no porvir!*

*Aurora rompeu as brumas
Do pesado firmamento,
Onde tinha o sentimento
Seus valiosos thesouros.
«Cearense Libertadora»
Sol que assoma no Oriente
Como o vosso Presidente
Recebei palmas e louros.*

(FREITAS, 1891: 23-25)

Poema 16

POESIA

RECITADA POR OCASIÃO DA LIBERTAÇÃO DA FORTALEZA
(À 24 DE MAIO DE 1883)

*Senhores, aquella aferro
De nossos avós, ao erro,
Que converteu-se em maldade,
Foi cardo que botou rosas,
Que hoje se hasteiam formosas
Na festa da – Liberdade!*

*Do amargo da consciencia
Ergueu-se a voz da clemencia
Dizendo: – « Ambição, cessae»
E a hydra devorante
Succumbiu no mesmo instante
Só respondendo: –Passae.*

*Erguendo o potente braço
Galga e vence o grand’espaco
Da capital ao sertão!
Todas as casas amestra:
Cidades, villas, florestas,
Curvam-se ao níveo pendão.*

*Mas querem pagar sem juro,
Com os direitos futuros
A cruel usurpação!
É pouco, repito ainda,
A desgraça aqui não finda
Com a peste, – escravidão!*

*Muitos odios concentrados,
Muitos crimes só cortados
Por vergastadas ferinas,
D’essa geração proscripta
De todo bem, na desdita,
Fizeram tristes ruínas!*

*Pois que, d’angustia no extremo,
Que existisse um Ser Supremo
Nem podia acreditar,
Quem das trevas, no reducto,
Não valia mais que o bruto,
Que o dono póde matar!*

*Não podia ser christão,
Ter crença ou religião,
O infeliz desposado,*

*Que delirante contava,
Que um conto de réis quebrava
Da igreja, o laço sagrado!*

*Veria em dia execrando
Seus tenros filhos chorando
A deluir-lhe o coração!...
E elle a força embarcado
Marcharia p'ra o mercado,
P'ra ser vendido em leilão!*

*A misera mãe que ficava
Afflicta se lamentava
Sem esperança e sem calma!
As creanças, lhe roubavam,
– Nem sabia onde paravam
Os pedaços de sua alma!*

*E o santo amor maternal
N'essa infeliz era um mal!
Ninguém queria escutar...
O ditoso indifferente
Nem enxergava este ente
Soluçando a beira mar!*

*Afinal por entre as flôres
Dos verdes campos, que horrores!
Impunes perante o céu!
– O infante malfadado
Nascia sentenciado!...
Vinha ao mundo feito réo!*

*– Nas violetas partidas
Tantas lagrimas vertidas!
Tantas dôres... tantos ais!
Do pobre escravo açoitado
Tanto sangue derramado
Com certeza era de mais!*

*– Basta! Rompeu um grito,
Lá das plagas do infinito
A rolar como o trovão!
Foi nossa terra o lugar,
Onde se viu disparar
O raio da – Redempção!*

*E qual terrível pampeiro
Veio a voz do jangadeiro
Por sobre as ondas troar!
E com a tal mercadoria,*

*Já ninguém mais se atrevia
O nosso porto atravessar!*

*Vencemos! Chegou o dia
Em que cheios de alegria
Recebem cartas a flux!
Mas, a santa caridade
Que lhes offerta a liberdade,
Offerte um pouco de luz.*

*Si hoje entre palmas e bravos
Aos pés de tantos escravos
Cahe o ultimo grillão,
Quem este despedaçar
Queira ao liberto ensinar
O dever do cidadão.*

*Já que é feito nosso igual
Do código criminal,
Conheça as leis... a justiça...
Que saibam todos unidos,
O quanto serão punidos
Os effeitos da preguiça!*

*Para este povo humilhado
De chofre ser levantado
É preciso obedecer...
Por vontade, com mais gosto
Desde a manhã ao sol posto
– Trabalhar e aprender.*

*Ao despontar d'esta aurora,
Digam-lhes todos agora:
– Eis um novo itinerario,
Sois livres; mas n'uma mão,
Pincel, compasso ou formão,
Na outra um abecedario.*

*Seja o futuro bem- vindo,
Nunca se diga sentindo
Os mais crueis desatinos:
«O Ceará fez a graça
De proteger uma raça
De ladrões e assassinos!»*

*Deixando em esquecimento
O injusto soffrimento
Que a condição lhes trazia,
Escutem somente o brado:
– Ter criterio e ser honrado*

É grande soberania.

*De gratidão, pela dívida
Tragam a bela divisa
D'um ensino salutar;
Que possam sabendo ler
Ao menos compreender
O que se chama educar.*

*Não importa a triste côr...
Mostrem também com ardor
Que são capazes de acção
E dêem do peito rude
Algum signal de virtude
Algum dom do coração.*

*Venham aqui se prostrar,
Bem dizer e admirar
Os heróes, patronos seus,
Que lhes mostrando o porvir
Lhes vêm restituir...
– A família, a Patria e Deus!*

(FREITAS, 1891: 30-35)

Poema 17

SALVE!

*POESIA RECITADA NA «ROCHA NEGRA»
A 26 DE MAIO DE 1883.*

*Hoje a pequena cohorte
Das jovens filhas do norte,
Vem só render homenagem
Aos que das grandes procellas
Voltam c'roados d'estrellas
No fim da santa romagem.*

*Permittam que se levante
Nossas vozes n'este instante
Em face da multidão,
Para saudar este povo
Que dá espectáculo novo
No scenario da nação.*

*Tomadas d'um justo pasmo,
A chamma do inthusiasmo
Em nossas almas se atêa!
De prazer a delirar...*

*Vimos tambem provar
Que amamos a grande idéa!*

*No começo da existencia
Já temos a consciencia
De que se faz summo bem
Conduzindo os corações
Á praticar taes acções
Que vão do futuro além!*

*É forçoso admirar
O que vemos praticar
Os ilustres defensores
Dos pobres infortunados
Que soluçavam curvados
Ao jugo dos maus senhores.*

*Bem vinda a aurora do dia
Que nos trouxe uma harmonia,
Que excede o primor do som!
E salve! vós que brilhaes,
Cavalheiros immortaes,
Da gloria, no pantheon!*

*O triumpho foi immenso!
Só cumpre queimar incenso
Aos pés da nobre cidade
Que altiva e independente
Ergueu-se a voz eloquente
Do clarim da – Liberdade!*

(FREITAS, 1891: 36-7)

Poema 18

LIBERTAÇÃO DA PROVINCIA DO CEARÁ (25 DE MARÇO DE 1884)

*Graças aos Céus, eu vivi
Até a hora em que vi
Minha terra triumphar!
Pasmada de tanta gloria!
Nesta estupenda victoria
Minh'alma julga sonhar!*

*Ao romper d'esta alvorada,
A natureza modada*

*Apparece á todos nós!
Em tudo prazer estampa!
Vai até á fria campã
Despertar nossos avós!*

*Em creança ouvi outr'ora
O que em tão bôa hora
Meu terno Pai nos dizia,
Deus ao dito não se oppoz:
Quatorze annos depois
– Eis cumprida a prophécia!*

*E elle já não existe...
Esta festa não assiste,
Para meu éstro animar:
Comtudo da Eternidade!
Do seio da immensidade,
Vos, manda felicitar!*

*Povo, a quem coube as primicias...
Venho trazer as noticias
Que deu com sinceridade,
Quem outr'ora em grande lida
Deu a penna e dava a vida
Pela santa – Liberdade .*

*Liberto o ultimo escravo,
Diz, que ouviu distincto – bravo!
Nas ethereas regiões,
E os anjos n'um momento
Voaram no firmamento
Cantando vossas acções!*

*E lá na Sacra morada,
Foi esta nova levada
Até ao trono de Deus!
Que em louvor do - Ceará
Tambem mandou celebrar,
Hoje, uma festa nos Céos!*

*E desde aquelles instantes
Viu bandeiras tremulantes
Cercando vermelha cruz,
Toda enlaçada de flôres
Cobrindo os libertadores,
Com raios de eterna luz!*

*E eu vejo a – Fortaleza
No seu throno de princeza
Dando lições de moral,*

A dezenove províncias ()
Que se prostram submissas
Aos pés da mestra immortal!*

(FREITAS, 1891: 44-46)

* (*) Desculpem-me, as províncias irmãs, o entusiasmo de momento. (n/a)

Poema 19

POESIA

*RECITADA NO COLLEGIO DE S. CECILIA NA
NOITE DE SEU 1º. ANNIVERSARIO – 1881.*

*É dever n'est'hora excelsa
Mostrar um sincero pasmo,
Saudar com entusiasmo
O sublime pavilhão,
Onde trabalha ufanosa,
Como esta uma cruzada
Que se arroja denodada,
Em busca da perfeição!*

*Seja embora audaz empreza
Inda em começo vencida,
É bello n'essa avenida
Dignamente marchar;
Não esquecendo que ao sabio
Da desgraça, no abandono
Sempre resta um sceptro, um throno,
Que é forçoso respeitar!*

*Que diga a voz da razão
Ante a grandeza real
Da magestade immortal...
Quem a fronte não curvou?!
Sim, todo ouro da terra
É pequeno fragmento,
Não faz sombra ao pensamento
Qu'o estudo illuminou!*

*Oh! quando nas priscas eras
Actuava a tyrannia,
Todo povo, então jazia,
Do saber inda na infancia;
Hoje no seculo das luzes
Em toda parte s'ensina
Á rasgar a negra cortina
Da noite da ignorancia!*

*E a offrenda generosa
D'essa seiva immorredoura,
Q'ora a nação enthesoura
Nos craneos dilectos seus;
Com justiça, por direito
Igual ao filho do nobre,
Recebe, o alumno pobre
Francamente nos lyceos.*

*Educar, da mocidade
A esperançosa cohorte,
É assegurar a sorte
Da futura geração!*

*É accender uma lampada
Nas trevas qu'envolvem a alma!
É tecer vivida palma
Com as flôres da – Instrucção!*

*É animar aos adéptos
Dos grandes conhecimentos
A construir monumentos
Que vencem do tempo, as milhas!
Soltar as azas da idéa
Na suprema immensidade,
Largando á posteridade
Portentosas maravilhas!*

*Salve! mil vezes quem ergue
O grandioso estandarte,
Que na sciencia e nas artes
Guia os heróes para a historia!
Salve! quem dá livremente,
Das lettras, no templo, ingresso!
Salve! quem ama ao progresso
Nestes ensaios de gloria.*

(FREITAS, 1891: 6-8)

Poema 20

POESIA

RECITADA NO COLLEGIO DE S. CECILIA NO 2º. ANNO
DE SUA FUNDAÇÃO – 22 DE NOVEMBRO DE 1882.

*Tudo se move e se agita,
Tudo scintilla e crepita
Do levante ao occidente!
Artes, lettras, aqui são
Na mais bella região*

D'esse novo continente!

*Já nossa patria querida
Manifesta que tem vida,
Que também ama a grandeza;
Bem como, o de Raphael
Já nos mostrou um pincel
Que merece a realeza!*

*S'eleva a cada momento
Um immortal monumento
Que o genio sabe crear;
Pois parece que na França
Victor Hugo pouco avança
Ante José de Alencar!*

*Podemos a fronte erguer,
Pois vemos resplandecer,
Apar d'estrellas dilectas,
Ainda com luz dobrada,
A constellação sublimada,
Dos arrojadores poetas!*

*Seja assim, ou seja régio
Em toda parte um collegio
Serve de base ás idéas;
A cada passo ha um mestre
Qu'ensinando admoeste
As creanças nas aldeias.*

*E outr'ora estas cidades
Que cobrem a immensidade
D'este torrão tão gentil!
Foram sombrias florestas,
Onde o indio armava as flechas.
- Era selvagem o Brasil!*

*É mister lembrar, agora
Aquella solemne hora
Em que um navio aportou
Ás costas do – Novo-Mundo...
Portugal foi o profundo,
Que seus sertões explorou*

*Todo direito perdeu
Um povo que sé s'ergueu
De tão pezada demencia
Quebrando o jugo... ou a canga
Com o - Brado do Ypiranga!
O grito da independencia!*

*Mas o Imperio formoso
 Florescia caprichoso
 Como nos brincos da infancia!
 Eram os actos dos governos
 Quase delirios d'infermos,
 Ou erros da ignorancia!*

*Pois se via n'uma praça
 Apinhar-se a populaça
 Para alegre contemplar
 O rosto do padecente
 Que o carrasco indifferente
 Fazia em breve expirar!*

*Por sublime inspiração,
 Fallou bem alto a razão
 Aos juizes que, ora accuso...
 Mandou o progresso – rei!
 Abriu-se os olhos da lei,
 Cahiu a forza em desuso*

*Mas depois d'isso passado
 Inda marchou pr'a o quadrado,
 Cabisbaixo, um cidadão!
 Talvez vilipendiado
 O valeroso soldado
 Que deffendeu a nação!*

*Feriam-no ao som fatal
 Da musica marcial,
 Quando a reforma benina
 Riscou da ordem... foi certo
 A planhada, e no exercito
 Já é outra, a disciplina!*

*Restava o trafico vil
 Dos que vendendo homens mil
 Por um pouco de dinheiro!
 Condemnavam seu irmão
 Á moral degradação
 Do medonho – captiveiro!*

*Os aviltrados gemiam
 Em quanto os tyranos riam
 De seu eterno grilhão!
 Mas uma voz disse aos bravos:
 “Ide remir aos escravos
 Erguel-os da prostração!*

*E os heróis se lançaram
 'Nesta arena em que plantaram
 O pendão da – Liberdade!
 E s'elles lutam pelos pobres
 As idéas grandes, nobres,
 São filhas da caridade.*

*Tem alma estúpida e fria!
 Não merece a luz do dia
 Quem nunca teve a bondade
 De ouvir a voz da clemencia
 'Num sorriso da innocencia
 'Num solução da orphandade!*

*Mas no seculo luminoso
 Quem não transpõe piedoso
 Os umbraes d'egregio templo,
 Para imitar algum rasgo
 De supremo entusiasmo
 Em que todos dão exemplo?*

*Os que gozam da ventura
 Vendo uma outra creatura
 Feito um louco! um desgraçado,
 Soccorrem ao que não tem
 Lembrados que fazer bem
 É um preceito sagrado.*

*É franca a bolsa da esmola,
 Das bellas licções, á escola,
 Parecem todos propícios;
 S'esquece as ingratidões,
 Vive, em muitos corações,
 O amor dos benefícios.*

*Quem é que diz ao vivente
 Sêde justo e complacente
 Com teu infeliz irmão?
 Quem manda ser generoso
 Ser modesto e virtuoso?
 É – a luz, – é a instrução!*

*Faz em nós correta emenda,
 Regula a ativa pendula
 Do tribunal consciencia,
 Que nos diz mostrando os ceus:
 “Eu creio que existe Deus,
 Pois que existe a – Sciencia!”.*

(FREITAS, 1891: 9-14)

Poema 21

III QUADRO
MINHA MÃE
(MARIA DE JESUS FREITAS)

*Me lembro inda de vel-a em dias mais felizes
A casa governando em calma actividade
Brilhava no labor uns restos de belleza
E graças que ficaram de sua mocidade.*

*No rosto ella mostrava a paz da rectidão,
A voz tinha dôce!... O riso era sem par!
Nas trevas encantadas dos dias infantis
Os filhos caminhavam a luz de seu olhar.*

*A noute ella embalava ao collo o mais pequeno,
Nós outros rodíamos a rêde, onde ella estava,
Cantando uma canção, tão terna, tão saudosa
Que além de commover tambem m' impressionava.*

*Primeiro do que o sol, erguia-se bem cedo,
Quer fosse no verão, quer fosse em frio inverno,
As plantas não perdiam um til de seus cuidados;
Viviam como nós tambem de amor materno.*

*Eu via o seu cabello tão longo e abundante
Ao sopro da manhã voando como um véo,
Emquanto ella vagava alegre pela horta,
Assim como uma estrella reluz em nosso céu.*

*Queria tomar parte connosco nos brinquedos;
Havia no seu trato, clemencia e mansidão;
Mas sempre em todo tempo sem zanga e sem rigor
Que zelo! e que cuidado em nossa educação!*

*E os pobres infelizes achavam, no seu seio,
Abrigo confortavel, remedio a sua dor;
Pois dando o que podia tambem dava conselhos,
Moral, que, repartia, tão franco, o seu amor.*

*Não tinha uma intriguinha: sua alma complacente
Chamava a sympathia de toda vizinhança:
Seu nome repetido, talvez de bocca em bocca
Corria como um echo a leguas de distancia.*

*Depois pelos desgostos na triste viuvez
Perdeu a actividade assim como alegria,
Vivia tão nervosa... tão cheia de cuidados*

Que a horta da modança também se resentia.

*Deixou todas as plantas em grande esquecimento
Nem mais uma florinha viveu em seus canteiros;
Um livro sempre aberto... só lendo distrahia...
Já nada lhe importava nos annos derradeiros.*

*E eu que possuil-a, julgava toda vida,
Achando ser incrível seus dias terem fim,
Sabia que a molestia marchava com presteza
Mas, não podia crer em todos nem em mim.*

*Só Deus calcula e pesa as noites que uma filha
Vélendo á cabeceira da mãe prestes á morte,
Recebe o seu olhar saudoso e penetrante.
Buscando não chorar mostrando uma alma forte.*

*Senti o coração partir-me no meu peito!
No dia em que perdida a ultima esperança,
Tirou o seu anel, sentou-se ainda no leito
E deu-me sem falar a ultima lembrança!*

*Meu Deus! quando eu a vi no leito mortuario
Cadaver já sem vida... gelada sem poder
Ao menos escutar o pranto que eu vertia
Na hora mais acerba que teve o meu soffrer!*

*Fiquei como suspensa! gelada de terror!
N'aquella magua extrema! Naquela dor intensa!
Sabendo que ficava, no mundo tão vasio...
Olhei a vida e tudo com parva indiferença.*

*A custa dos pezares meus olhos se secaram,
Meus dias se tornaram um longo anoutecer!
Já nada aqui me prende, eu vago entre os felizes
Cançada de chorar, cançada de viver.*

(FREITAS, 1891: 60-62).

Poema 22

SEGUE

NO ALBUM DA DISTINCTA POETISA FRANCISCA
CLOTILDE BARBOSA LIMA.

I
*No meio da floresta mais viçosa,
Mais rica de seiva e de verdura,
Uma arvore s'eleva mais que todas,*

Tal como o espectro d'amargura!

*E os galhos depidos de folhagem
S'elevam aos céos qual negros braços,
Parecem querer pegar as nuvens
E fazel-as parar no immenso espaço!*

*As aves fugindo ao seu contacto
Sobre os ramos virentes vão pousar,
E affrontam a triste desolada
Com seu terno e alegre gorgear.*

*Ao pallido luar das noites frias
Parece suspirar com a natureza;
Quem d'ella se approxima sente aos poucos
O peito retrahir-se com tristeza.*

*E o mocho agourento alli pousado
Solta um pio tão triste e lamentoso!
Capaz de arrancar um pensamento
Sombrio ao ente mais ditoso!*

*Esta arvore gigante foi meu berço,
Que o vento da desgraça desfolhou!
Esta ave nocturna é o retrato...
D'aquillo que na vida agora sou.*

*I
O vento por acaso as vezes traz-nos
Um ramo de cypreste ou de loureiro;
Mas quem vai pedir inspiração,
Das noites ao frio nevoeiro?*

*- Quem vai pedir sombras ao deserto?!
- Luz – á terrivel cerração?!
- Vida - ao veneno cruciante?!
- Calma – ao rugir do coração?!*

*Não sabes? – o deserto é meu – futuro!
- Terrivel cerração foi meu – passado!
- Veneno cruciante é meu – presente!
- Furacão é meu – éstre malfadado!*

*Não temes que que vá quebrando as hasteas
Que sustêm as folhas perfumosas
D'este álbum gentil, onde plantaram
Flores immortaes, lirios e rosas?*

*Não porque embora não soubésses
Que cousa n'este mundo é soffrimento,*

*Uma alma grande e nobre sabe ler
Os arcanos d'um triste pensamento.*

*Oh! águia real vai, sobe as nuvens!
Voa: juncto ao sol não ha espinho;
No tronco recequido o pobre mocho
Deixa-o, como um marco em tal caminho.*

*Qu'importam os seus pios merencórios,
Seu vago lamento, a sua historia?
Segue e guia o carro triumphante
Da filha da luz a loura – Gloria!*

Fortaleza – Julho de 1885.

(FREITAS, 1891: 233-5).

Poema 23

SOLUÇOS **Á MEMORIA DE MINHA MÃE.**

*Meu Deus, onde foi ella?
Por que não voltou mais?
– Morreu – murmura a noite.
– Morreu! Repete o dia.
Agora o que me resta?
Embora um fraco arrimo,
Na terra era somente
O bem que eu possuía.*

*Oh! mãe porque deixastes
Vagando, aqui sozinha,
A filha malfadada?
Ai! tu qu'eras tão boa,
Escuta a minha prece,
Do céu cobre de bênçãos
Os prantos de minh'alma
Que o mundo amaldeçoa.*

*Não foste afortunada,
Eu sei que na existencia
Soffrestes muito, muito,
Mas eu mil vezes mais!*

*Nos ultimos momentos
Cercada de carinhos
A vida te fugiu
Por entre os nossos ais!*

*E como a folha secca,
Que róla pelo sólo
Coberta de poeira
E da haste desprendida,
Assim minh'alma vaga
Nos páramos desertos,
Nos campos desolados
E tristes desta vida!*

*Si vêm aos meus ouvidos
O alegre som da festa,
Começo a divagar;
Que tédio! e que tormento!
Deveriam folgar longe
De mim que já não tenho
Nem mais quem me console,
No duro soffrimento.*

*Do reino da ventura,
Bem sei que sou proscripta,
Nem mais posso embalar-me,
Dos sonhos no remanço;
Mas Deus, porque me negas,
No resto de meus dias,
O mínimo favor...
D'um pouco de descanso?!*

*Cançada de estudar...
Exausta do trabalho...
As vezes curvo a fronte
Em noites de agonia!
Lembrando-me dos meus,
Eu chamo por seus nomes...
O echo me responde:
– A casa está vazia.*

*- Embora já sem forças,
Levanta-te, abre o livro...
- Tens febre? Não importa.
É mister trabalhar.
- Bailando alli não ouves
A turba dos felizes
Que em meio dos prazeres
Nem podem t'encherger?*

*- não vês que seu juízo
Cruel e deshumano
Nem busca examinar
Si é justa essa amargura?*

*Sorrindo indiferente,
Te aponta a gloria inutil
E diz que os teus pezares
São mais do que loucura!*

*- Que vale esta centelha
De luz immorredoura
Que o povo chama genio
Por vê-la scintillar
Não vive o que a possui
Gemendo nos horrores
Da noite da desdita...
As vezes te sem lar?*

*- O! pobre infortunada!
A campa te convida,
Achastes um abrigo...
Aperta a mão da morte!
Só ella póde dar-te
A paz que tu desejas,
Quebrando estes grilhões
Pregados pela sorte*

*- Não tardes no caminho
Que é longo e espinhoso,
A sombra do cypreste
Tu podes descansar...
A fronte encandecente
Tu lá terás banhada
De gottas de sereno
Em noites de luar.*

*Levanto a vista e busco.
Ao longe o cemiterio
Por traz dos mausoleus
Parece que se some
Um vulto... é ella...
Eu vejo, a minha boa mãe
Que ainda pronuncia
As lettras de meu nome.*

*Então rompo em – soluços,
Tal como Antonietta
Na hora em que subiu
Os degrãos da – guilhotina,
“Um só signal de affecto
“Por ver que recebia
“Das mãos d’uma creança
“Esmola pequenina.*

Fortaleza – 1885.

(FREITAS, 1891: 236-240)

Poema 24

DE VOLTA DA FORTUNA

*Eu tenho saudades dos morros e das praias,
De quando eu deixava as vagas do Mar,
Daquela cidade ao longe ficando,
E o barco fugindo à luz do luar.*

*Eu tenho saudade da doce tristeza
Que as vezes sentia, por ter na lembrança
Em vago e confuso concerto de cantos,
Um sonho dos sonhos que tive em criança.*

*Eu tenho saudades da hora em que eu fui
Rever teu jazigo, beijar o teu nome,
Ó mãe – e voltei com alma mudada
Num círio apagado que em luz se consome*

*E aqui numa treva que chamam de vida
Não tenho afeições, família nem lar!
Eu sou como a folha que o vento desprende
Para o pó da avenida sumir...suplicar!*

(FREITAS. *De volta da fortuna* In: *A República* – Fortaleza, 19/11/1898. Apud CUNHA c: 1998, 60).

Anexo - Jornaïs



Ilustração 1 - *Luz e Fé*

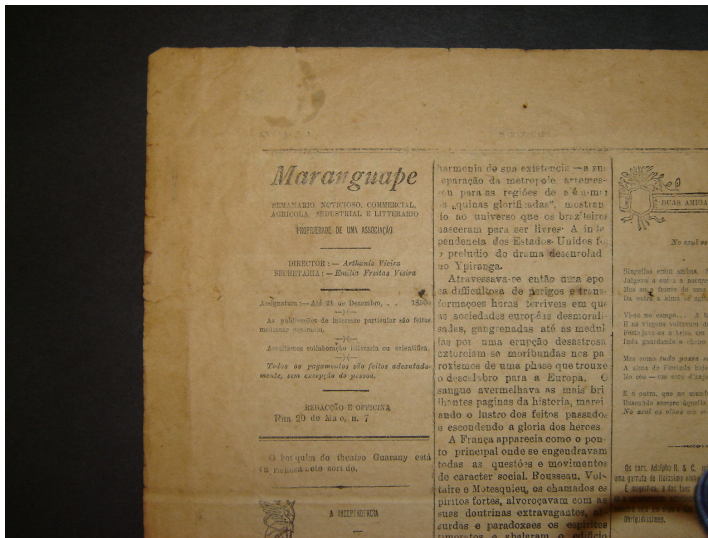


Ilustração 4 - Maranguape (Expediente)

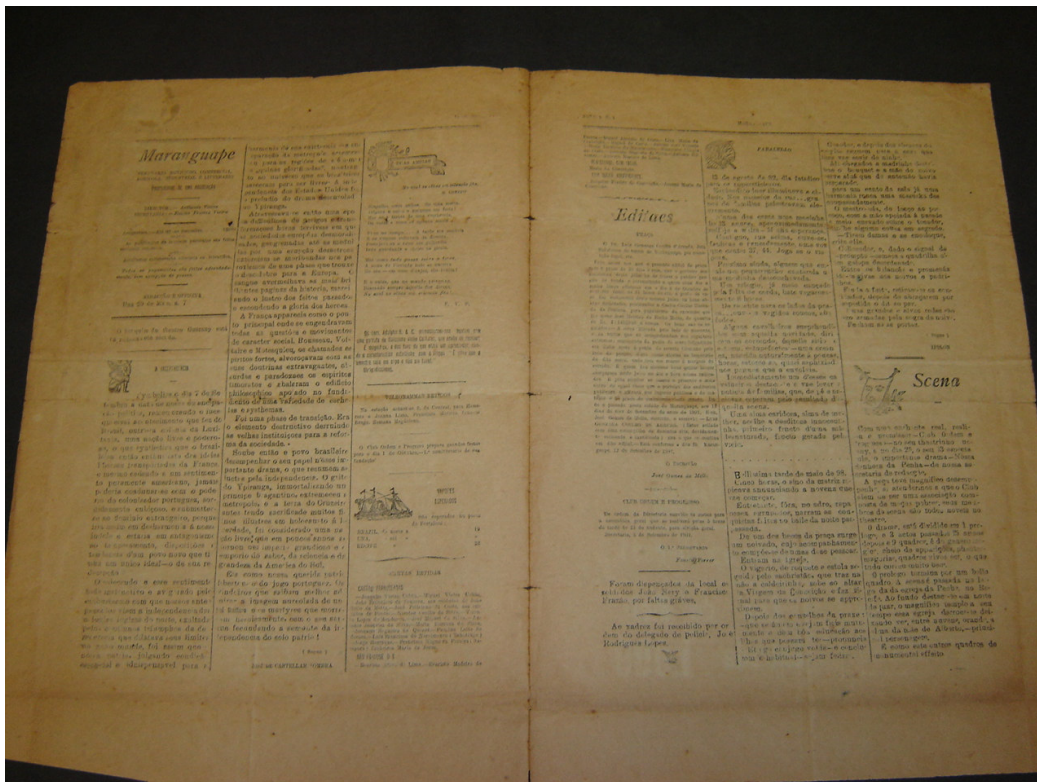


Ilustração 5 - Maranguape



Ilustração 6 - O Progresso

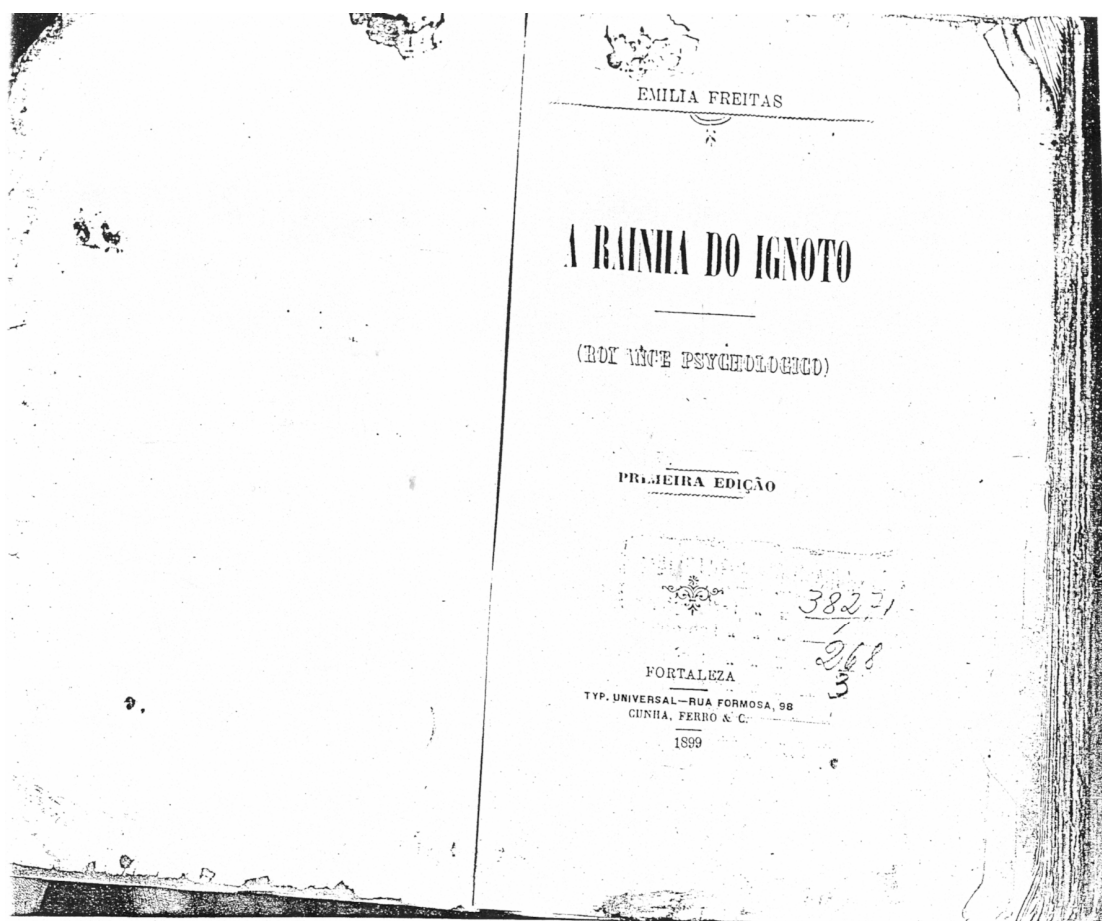


Ilustração 7 – *A Rainha do Ignoto*, 1ª ed., 1899.